

# Fantasma, vampiros e as crises capitalistas: interseções entre literatura gótica e economia nos séculos XVIII e XIX

Ghosts, vampires, and capitalist crises: intersections between Gothic literature and Economics in the 18th and 19th centuries

Daniel Serravalle de Sá<sup>1</sup>


**Resumo:** Este artigo investiga as transformações sociais e culturais na Grã-Bretanha dos séculos XVIII e XIX, tomando o romance gótico inglês como um prisma para examinar as complexas interações entre Literatura e Economia. A discussão será guiada pelo princípio de que o discurso econômico do período articulou elementos estéticos e narrativos preexistentes para dar forma às suas teorias sobre mercado, valor e crise (Moretti, 1982; Jameson, 1995; Houston, 2005; Puglia 2008). A pesquisa enfatiza a análise formal e cultural, explorando como a ficção gótica em geral, e o romance *Drácula* (1897), em particular, não apenas refletiu, mas também moldou as ansiedades do capitalismo liberal emergente. Ao tratar o texto literário como uma prática discursiva interdisciplinar inserida em estruturas sócio-históricas mais amplas, o artigo busca examinar, de modo mais específico, como o gótico literário mediou os medos econômicos e sociais de sua época, revelando tensões ideológicas ligadas à industrialização, instabilidade financeira e conflitos de classe.

**Palavras-chave:** Literatura gótica. Discurso econômico. Capitalismo liberal. Transformação social. Interdisciplinaridade.

**Abstract:** This article investigates the social and cultural transformations in eighteenth- and nineteenth-century Britain, using the English Gothic novel as a prism to examine the complex interactions between Literature and Economics. The discussion is guided by the principle that the economic discourse of the period drew upon preexisting aesthetic and narrative elements to shape its theories on market, value, and crisis (Moretti, 1982; Jameson, 1995; Houston, 2005; Puglia, 2008). The research emphasizes both formal and cultural analysis, exploring how Gothic fiction in general – and *Dracula* (1897) in particular – not only reflected but also shaped the anxieties of emerging liberal capitalism. By treating the literary text as an interdisciplinary discursive practice embedded in broader sociohistorical structures, the article seeks to examine more specifically how literary Gothic mediated the economic and social fears of its time, revealing ideological tensions linked to industrialization, financial instability, and class conflict.

**Keywords:** Gothic literature. Economic discourse. Liberal capitalism. Social transformation. Interdisciplinarity.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor permanente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC). E-mail: d.serravalle@ufsc.br. 



As interseções entre Literatura e Economia ainda são pouco exploradas no meio acadêmico. Esse cenário decorre, em grande parte, das tradicionais divisões disciplinares, das diferenças metodológicas e dos desafios próprios da pesquisa interdisciplinar. Enquanto a Economia prioriza modelos quantitativos e análises mercadológicas, muitas vezes deixando de lado a diversidade das relações culturais e das dinâmicas sociais, a Literatura concentra-se nas complexidades de uma existência ética por meio de construções estéticas, frequentemente sem abordar as bases econômicas que influenciam tais dimensões.

Apesar das dificuldades metodológicas e da resistência em submeter a riqueza literária a esquemas analíticos, observa-se que a Grã-Bretanha dos séculos XVIII e XIX testemunhou um diálogo profícuo entre Literatura e Economia. Nesse período, obras literárias funcionaram como fontes de imagens e alegorias que possivelmente dialogaram com a formulação de teorias econômicas do período. A célebre metáfora da “mão invisível”, utilizada por Adam Smith para descrever a dinâmica autorreguladora do mercado, encontra paralelos no romance *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, no qual forças sobrenaturais intervêm nos destinos dos personagens.

Do mesmo modo, a associação feita por Karl Marx entre vampiros e a exploração capitalista do trabalho apropria-se de figuras predatórias do imaginário gótico, ecoando, por exemplo, *The Vampyre* (1819), de John William Polidori. Tais paralelos sugerem que a Literatura – especialmente a vertente gótica – ofereceu um repertório simbólico para a construção de conceitos econômicos durante a ascensão do capitalismo liberal. A ficção gótica não apenas ilustrou certos aspectos dos fenômenos econômicos, mas, por meio de suas narrativas, também lhes atribuiu significado cultural, facilitando sua assimilação pelo debate público. Assim, mais do que um mero reflexo do contexto histórico, a Literatura atuou ativamente na configuração do pensamento econômico moderno.

Embora o estudo das influências recíprocas entre Literatura e Economia venha ganhando reconhecimento acadêmico (Andriopoulos, 1999; Houston, 2005; Puglia, 2008), ainda há lacunas significativas a serem exploradas. A complexidade dessa interação exige abordagens metodológicas interdisciplinares, capazes de captar tanto as nuances estéticas e temáticas da produção literária quanto as dinâmicas socioeconômicas que a moldaram. São apenas alguns exemplos de pontos que necessitam de uma análise mais detalhada. Temas específicos como as representações literárias da luta de classes, os efeitos da globalização nas narrativas do período e o papel da ficção na naturalização de ideologias econômicas são apenas alguns exemplos



de pontos que necessitam de uma análise mais detalhada. Esses aspectos, longe de serem apenas pano de fundo histórico, integram ativamente o tecido narrativo e simbólico das obras, colaborando para a construção de sentidos sobre valor, trabalho, desigualdade e desejos sociais, sejam coletivos ou subjetivos. Dessa forma, compreender a literatura como espaço de disputa e elaboração simbólica permite iluminar não apenas os processos históricos de transformação econômica, mas também os modos como tais processos foram imaginados, sentidos e contestados no plano cultural.

Obras como *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, *O morro dos ventos uivantes* (1847), de Emily Brontë, *O médico e o monstro* (1886), de Robert Louis Stevenson, e *Drácula* (1897), de Bram Stoker, articulam elementos sobrenaturais com críticas (ainda que muitas vezes implícitas) a sistemas financeiros, heranças dilapidadas e exploração laboral. Essa interseção entre campos aparentemente distantes revela uma simbiose profunda: se a Economia recorreu à Literatura para encontrar um repertório de símbolos e imagens para tornar palpáveis suas abstrações, a ficção, por sua vez, incorporou crises e contradições materiais em suas tramas. Não é por acaso, teóricos fundadores da Economia como Smith, Marx e Engels recorreram a imagens góticas para descrever mecanismos abstratos do capitalismo emergente, apropriando-se de tropos literários para traduzir conceitos econômicos que ainda não possuíam uma terminologia específica. Por isso, estudos interdisciplinares que investiguem intercâmbio entre as áreas de Literatura e Economia são essenciais para repensar tanto a história das ideias quanto a função social da arte.

Cada um desses livros góticos apresenta uma particularidade que relaciona o sobrenatural a questões econômicas e sociais. Por exemplo, em *O castelo de Otranto* (1764), Horace Walpole usa a convenção narrativa da “maldição do castelo” para refletir conflitos sobre herança, sucessão patrimonial e a instabilidade da riqueza fundiária em uma época de mudanças econômicas. Em *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, a Criatura pode ser lida como uma metáfora para a economia industrial na forma de uma criatura que escapa ao controle humano, simbolizando os perigos da modernidade. *O morro dos ventos uivantes* (1848), de Emily Brontë, aborda a ascensão social e as disputas por propriedades através do personagem Heathcliff, destacando dinâmicas de classe e raciais. Já *O médico e o monstro* (1886), romance curto de Robert Louis Stevenson, traz à tona fraudes financeiras e críticas à hipocrisia social ligadas ao capitalismo especulativo. Neste artigo, contudo, vou concentrar a discussão em *Drácula* (1897), de Bram Stoker, um dos grandes romances góticos do período, que começa com o Conde convo-



cando o advogado Jonathan Harker à Transilvânia para cuidar da expansão de seu portfólio imobiliário, evidenciando as conexões entre o sobrenatural e as transações econômicas.

## Dos castelos aos bancos: economia, política e literatura gótica nos séculos XVIII e XIX

O ponto de partida é o livro *A riqueza das nações* (1776), que, em resposta a uma nova era comercial, sinalizou uma mudança na compreensão da sociedade como um sistema econômico, no qual o interesse individual não apenas se justifica moralmente, mas se revela essencial. Nesse momento inicial do chamado liberalismo clássico, os princípios de Adam Smith incluem a economia *laissez-faire*, o valor fundamental do livre comércio e as liberdades individuais. A metáfora onipresente e quase divina da “mão invisível” que rege a economia moderna é simbólica de um chamado à autoconsciência individual: os sujeitos são os agentes dos acontecimentos históricos, e o crescimento do indivíduo promove o crescimento social. Assim como outros pensadores do período iluminista, que imaginaram a história como uma sucessão de estágios e a sociedade comercial como o ápice do desenvolvimento social humano, algo que, como Kathryn Sutherland (2008, p. xvi, tradução minha) observa “chega perigosamente perto [...] de assumir a forma de uma narrativa fechada, à medida que a Europa, com a Grã-Bretanha à sua frente, entra na fase final gloriosa, o final feliz da história”<sup>2</sup>. Setenta e dois anos depois, Marx e Engels reimaginam as relações entre pessoas e mercadorias em *O manifesto comunista* (1848), recorrendo às possibilidades discursivas do vampiro gótico, no qual as relações sociais se reduzem a transações econômicas e os indivíduos tornam-se engrenagens espectrais de uma máquina imaginária e socialmente determinista – refiro-me aqui às relações de causa e efeito que condicionam as possibilidades da superestrutura e da infraestrutura.

Tanto *A riqueza das nações* quanto *O manifesto comunista* são marcos culturais da época, em parte porque articulam ideias ainda em fluxo e para as quais faltava uma linguagem específica. Nesse vácuo discursivo, as figuras de linguagem e alegorias literárias auxiliam na explicação de conceitos novos. Smith recorre a metáforas de tom gótico para conceituar o sistema econômico moderno, no qual o interesse individual se transmuta em bem coletivo e nacional; ao passo que Marx e Engels, ao analisarem os desdo-

---

<sup>2</sup> No original: “comes dangerously close [...] to assuming the shape of a closed narrative, as Europe, with Britain at its head, enters the final glorious phase, history’s happy ending.”



bramentos desse mesmo sistema, lançam mão de imagens espectrais para descrever um mundo em que indivíduos são transformados em mercadorias ou *commodities*. Na ausência de termos consolidados, e aproveitando conceitos e vocabulários oriundos da ficção gótica, esses filósofos da Economia abordaram o conflito entre indivíduos e sociedade para discutir tensões históricas entre o passado e o presente, o antigo e o moderno, a sociedade feudal e a burguesa. Assim como a Literatura, a Economia também opera como um sistema retórico, cujas crises espelham as crises da representação na literatura, por exemplo, as crises bancárias do final do século XIX refletem o fim do Realismo e o início do Modernismo. Os dois tratados econômicos exibem uma consciência moderna da história e do lugar do indivíduo dentro dela, compreendendo a história como um decorrer de estágios, todavia, enquanto o modelo de Smith considera a sociedade comercial o auge da história socioeconômica, Engels e Marx preveem um último estágio, no qual toda propriedade privada será abolida.

Se até então a nobreza britânica e os proprietários de terras (*landed interest*) obtinham lucro principalmente por meio do arrendamento de seus latifúndios, com a consolidação do poder da burguesia (*monied interest*) no final do século XVIII, passaram a incidir mais impostos sobre a riqueza herdada, e o preço das terras agrícolas e dos grãos caiu após as *Corn Laws* (implementadas entre 1815 e 1846 no Reino Unido) e o *Homestead Act*. (Lei de Terras Livres, promulgada nos Estados Unidos em 1862). A aristocracia rural viu-se presa a propriedades que não eram mais rentáveis como antes. Nesse sentido, pode se pensar que a Revolução Industrial permitiu a mobilidade de classes, mas, na prática, desencadeou uma ruptura hierárquica que deixou todos lutando por uma nova posição econômica e social, inclusive a nobreza.

No decorrer dos séculos XVIII e XIX, a burguesia industrial desenvolveu instrumentos e meios de produção, alterando, conseqüentemente, as relações de produção e as relações sociais. O efeito desestabilizador da longa revolução industrial manifesta-se na radical ruptura com o passado histórico, inserindo a sociedade em um mundo caótico e invertido que ecoa as distopias do imaginário gótico. A antiga ordem feudal e suas relações sociais tornam-se incompatíveis com o novo sistema socioeconômico; enquanto isso, na ficção gótica observa-se a imagem recorrente do personagem ambicioso, que invoca um poder que não pode controlar, como, por exemplo, em *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley. A Criatura pode ser entendida como uma conexão entre os discursos da literatura gótica e do pensamento econômico porque fornece uma metáfora para conceituar a economia moderna: uma entidade que é perigosa porque é uma criação humana, mas que não



está sob controle humano. Desse modo, as metáforas presentes em *Frankenstein* exemplificam como a literatura gótica e o pensamento econômico funcionaram como espaços de intercâmbio discursivo e imaginativo desde seu surgimento na Grã-Bretanha do final do século XVIII, permanecendo relevantes até os dias atuais.

Por meio da ficção gótica, representam-se os efeitos desumanizadores da sociedade burguesa: a transformação de pessoas em *commodities* e a conversão das relações sociais que definem o ser humano (religiosas, familiares, comunitárias) em relações econômicas e pecuniárias. A classe operária passa a ser concebida como trabalho corporificado, sem direitos naturais, cujo valor reside unicamente em sua capacidade de gerar capital para outros. Os horrores da desumanização que os romances góticos imaginam como consequência dessa sociedade comercial são reinterpretados como teoria político-econômica. Ideias sobre propriedade, dívida, consumo, crédito estão presentes em muitos textos que são considerados representativos do gótico literário, de *O morro dos ventos uivantes* (1848), a *Drácula* (1897), passando por *O médico. e o monstro* (1886). Nesses textos literários, elementos como cenários decadentes, figuras misteriosas e atmosferas opressivas simbolizam desigualdade econômica, lutas de classe e crises bancárias ao longo de dois séculos de profundas transformações capitalistas.

Esses textos góticos, escritos entre os séculos XVIII e XIX, apresentam um repertório de temas e de imagens que ainda cativam os leitores do século XXI. Em parte, isso está ligado aos seus elementos fantasmagóricos, mas também às tramas envolvendo riqueza, esquemas financeiros, exploração de um ser humano pelo outro e disputa por heranças. Em *O morro dos ventos uivantes* (1848), após adquirir sua fortuna por meios desconhecidos, Heathcliff busca vingança por meio de casamentos, tutelas e aquisições de propriedades. Em *O médico. e o monstro* (1886), a título de compensação financeira por agressão a uma criança, Mr. Hyde oferece um cheque ao portador para ser descontado no Banco Coutts; entretanto, o cheque não era seu. Já em *Drácula* (1897), o Conde contrata um advogado para intermediar a compra de Carfax, uma propriedade rural nos arredores de Londres, sinalizando desde o início do romance a articulação entre práticas econômicas modernas e a ameaça sobrenatural. A transação imobiliária torna-se a porta de entrada para a invasão da Londres vitoriana, e a formalização do contrato não apenas legitima a presença do vampiro, como também simboliza a infiltração de forças atávicas no coração financeiro do Império Britânico. Assim, a popularidade do romance gótico cresceu lado a lado com o liberalismo econômico e o capitalismo industrial.



Nesse contexto, um dos temas mais recorrentes na literatura gótica é a disputa pela propriedade, frequentemente simbolizada por castelos, abadias ou mansões – muitas vezes em estado de decadência. Mais do que meros cenários para a ambientação de eventos sobrenaturais, esses locais funcionam como metáforas para a instabilidade e o declínio das estruturas econômicas tradicionais. Já em *O castelo de Otranto* (1764), considerado o primeiro romance gótico, Horace Walpole projeta no castelo conflitos sobre herança e legitimidade, refletindo ansiedades mais profundas sobre direitos de propriedade e transferência de riqueza em um período de grandes mudanças econômicas. A obsessão gótica com disputas de herança evidencia a fragilidade da riqueza e a precariedade do *status* social em uma época em que a propriedade de terras começava a perder espaço como fonte garantida de riqueza e poder. Da mesma forma, em *O morro dos ventos uivantes* (1847), as famílias Earnshaw e Linton travam uma batalha por propriedade e posição social. A ascensão de Heathcliff, de órfão marginalizado a proprietário abastado, ilustra as dinâmicas mutáveis de classe e riqueza no século XIX, incluindo dinâmicas raciais, já que o personagem é descrito com traços físicos que sugerem uma origem não branca. Sua manipulação das leis de propriedade e herança para fins de vingança revela não apenas o lado sombrio da ambição econômica, mas também a crítica que o romance gótico faz à mercantilização das relações humanas. Por meio dessas narrativas, a literatura gótica expõe as consequências morais e sociais de uma economia cada vez mais orientada pelo lucro e pela exploração.

O espectro da ruína financeira e o peso das dívidas são componentes narrativos que justapõem discursos góticos e econômicos, refletindo as angústias e incertezas de uma era marcada pela expansão dos sistemas de crédito e pela ascensão do capitalismo especulativo nos séculos XVIII e XIX. Entra em cena o dinheiro como um conceito fictício, e o próprio valor do ouro revela-se tão volátil quanto qualquer *commodity* – sendo justamente essa variabilidade o que sustenta o sistema capitalista. Nessa nova ordem econômica, não circulam apenas moedas e cédulas, mas proliferam cartas de crédito e notas promissórias, tecendo uma rede global legitimada pelo sistema bancário.

De acordo com Fredric Jameson, “as classes opostas necessariamente carregam uma à outra dentro de si, sendo assim, são traumatizadas por esse ‘corpo estranho’ impossível de exorcizar”<sup>3</sup> (1995, p. 9, tradução minha). Embora não seja um texto tradicionalmente lido sob a chave do gótico, no

<sup>3</sup> No original: “the opposing classes necessarily carry the other around, and are thus traumatized by this ‘foreign body’ that it is impossible to exorcize.”



romance breve *Um conto de Natal* (1843), de Charles Dickens, a aparição dos fantasmas do passado, presente e futuro mobiliza recursos do imaginário gótico para criticar a desumanização provocada pelo capitalismo industrial. A transformação de Ebenezer Scrooge, de agiota avaro a filantropo benevolente, encena as implicações morais inerentes às práticas econômicas. As visitas fantasmagóricas materializam as responsabilidades sociais que acompanham o enriquecimento, enquanto o uso de imagens espectrais, como a “mão invisível” do mercado, sublinha as forças ocultas que moldam a vida econômica, cujos impactos, embora nem sempre visíveis, produzem efeitos profundos sobre indivíduos e sociedades.

A ascensão do capitalismo industrial no século XIX trouxe consigo novas formas de exploração econômica e desigualdade social. Nesse contexto, a luta de classes emergiu como tema central da literatura gótica, que no século XVIII representava aristocratas tirânicos e, no século seguinte, burgueses gananciosos e comerciantes corruptos, encarnando as duras realidades da industrialização. Os vilões góticos personificam desde a divisão acentuada entre nobres e plebeus oprimidos, burguesia e proletariado empobrecido, até as condições desumanas das fábricas.

### **O vampiro como capital: *Drácula*, acumulação e a imaginação gótica**

*Drácula* (1897) é um dos romances góticos mais paradigmáticos do final do período vitoriano e, ao longo das décadas, tem atraído uma gama expressiva de interpretações críticas e literárias, constituindo um “palimpsesto vampírico” (Sá, 2021).<sup>4</sup>A aquisição imobiliária é a força motriz da narrativa, antecipando a lógica de infiltração que marca toda a trajetória do personagem e servindo como ponto de partida para diversas abordagens analíticas. Entre elas, destacam-se as leituras de Carol Senf (1988) e Stephen Arata (1990), que, por caminhos distintos, concluem que o romance seria uma alegoria da colonização reversa, uma expressão dos temores da sociedade vitoriana diante da possibilidade de que Drácula abandonasse a agrária e ancestral Transilvânia para contaminar a Inglaterra moderna e capitalista. Nessa chave interpretativa, a figura do vampiro encarna um imperialismo às avessas, no qual o “primitivo” ameaça colonizar o mundo dito civilizado, subvertendo simbolicamente a hegemonia do Império Britânico, com risco

<sup>4</sup> Refere-se aqui à ideia de “palimpsesto vampírico” para indicar que *Drácula* é uma criatura intertextual, um composto de texto sobreposto a outros textos anteriores, construído a partir da memória coletiva, tanto literária quanto crítica. Seu poder simbólico reside justamente na capacidade de incorporar, reciclar e renovar os vampiros precedentes (como Ruthven, Giaour, Geraldine, Carmilla, Varney), ao mesmo tempo em que se torna o modelo para os vampiros posteriores.



de provocar uma involução. Por sua vez, Nina Auerbach (1997) identifica na obra de Stoker uma ansiedade xenofóbica, marcada pelo receio de que o estrangeiro étnico invada e domine a efervescente Londres, metrópole comumente associada à ideia de Terra Prometida do capital. Ainda que essas leituras privilegiem dimensões políticas e culturais, elas também abrem espaço para a análise das implicações econômicas do romance, ampliando o campo de leitura e ajudando a elucidar aspectos que contribuem para a complexidade da figura do vampiro em Stoker.

*Drácula* também suscitou leituras mais explicitamente marxistas, como a de Franco Moretti (1982, p. 149) que aborda o romance como uma encarnação do capitalismo, afirmando que “como o capital, Drácula é impelido em direção a um crescimento contínuo, uma expansão ilimitada de seu domínio: a acumulação é inerente à sua natureza.” A imortalidade o exime das limitações materiais, dinheiro não é um problema para o vampiro, pois ele acumula riqueza ao longo dos séculos e demanda pouco para viver, exceto sangue – uma representação literal da metáfora marxista. Segundo Moretti, o vampiro encarna a lógica do monopólio capitalista, ambicioso e ansioso por novos mercados e novos corpos, expandindo seus domínios não apenas geograficamente, mas também numericamente, ao transformar vítimas em novos agentes de sua rede econômico-parasitária. Ao analisar *Drácula* (1897) sob a ótica da acumulação de capital, Moretti interpreta a figura do vampiro como um monopolista, evocando o que disse Marx (2013, p. 307): “O capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga.” Assim, vampiros e vampirizados se entrelaçam em uma cadeia simbólica que associa o capital (*Drácula*) ao trabalho (sangue das vítimas), expondo a violência abstrata e sistêmica do capitalismo industrial.

Gail Houston (2005) lê *Drácula* como uma crítica gótica à “bancarização” da sociedade, que ela define como o processo pelo qual a vida econômica passa a ser dominada por entidades corporativas abstratas, gerando ansiedades profundas sobre identidade, agência e o corpo social na modernidade capitalista. Houston relaciona as questões de vampirismo e contágio no romance aos medos vitorianos (pânico) acerca do poder crescente dos bancos e corporações, que “sugam” a riqueza das pessoas comuns, assim como Drácula drena o sangue de suas vítimas. O argumento central é que o romance reflete o temor em relação ao capital externo, simbolizado aristocrata estrangeiro comprando propriedades em Londres, e ao contágio financeiro, na forma do vampirismo que se espalha como uma crise econômica. Houston usa o conceito jurídico de “personalidade corporativa”, re-



conhecido na lei britânica na época, que dava às empresas direitos legais semelhantes aos de indivíduos. O Conde Drácula personificaria tal ideia, pois ele é uma entidade singular com múltiplas formas (morcego, névoa, lobo) e detém um vasto poder acumulativo, assim como uma corporação que opera globalmente e absorve recursos.

A ameaça representada pelo Conde Drácula simboliza o medo dos monopólios, do capitalismo descontrolado e da perda da autonomia individual em um mundo cada vez dominado pelo corporativismo bancário e pelas crises cíclicas do capitalismo (marcadas por instabilidade e especulação financeira). Houston argumenta que *Drácula* funciona como uma alegoria do receio, interpretando o romance como uma resposta cultural à crescente influência e impessoalidade das corporações, sobretudo dos bancos, e a forma como essas “personalidades corporativas” ameaçam tanto a autonomia individual e quanto a estabilidade social.

Mais especificamente, Houston também analisa como as personagens Lucy Westerna e Mina Harker são “monetizadas” de formas distintas: o corpo de Lucy torna-se moeda de troca, tanto pelos homens ao seu redor (como os três pretendentes que competem por ela), quanto pela figura vampírica, que a transforma e, ao fazê-lo, passa a ter posse simbólica de seu corpo. Por outro viés, Mina Harker representaria uma forma de integração ao sistema capitalista moderno, pois suas habilidades técnicas e administrativas (datilografar, organizar documentos, cotejar informações, estruturar cronogramas) a tornam essencial para a caçada racional e burocrática ao vampiro. Nesse sentido, Mina encarna a eficiência funcional associada à lógica corporativa, sendo valorizada não como corpo erotizado, mas como uma extensão do aparato técnico-administrativo moderno.

Já o personagem Drácula simbolizaria esses medos econômicos e sociais, representando a natureza invasiva e exploradora do capitalismo financeiro. A ênfase do romance em propriedades, contratos e transações legais (como a compra da propriedade Carfax por Drácula via um advogado) destaca os mecanismos corporativos e financeiros através dos quais o controle capitalista se afirma. Para Houston, *Drácula* (1897) é uma alegoria das ansiedades econômicas do final do período vitoriano, em que o vampiro representa os aspectos desumanizantes e predatórios do capitalismo corporativo. O horror do romance não vem apenas do sobrenatural, mas também dos efeitos desestabilizadores da modernidade financeira.

As múltiplas leituras críticas de *Drácula* (1897), da colonização reversa à crítica ao capital financeiro, evidenciam como o romance de Stoker opera como um ponto de convergência de ansiedades vitorianas que são ao mes-



mo tempo culturais, políticas e econômicas. O que une as diferentes interpretações é o fato de todas elas reconhecerem no vampiro uma figura limiar, capaz de condensar medos difusos da modernidade, como a dissolução de fronteiras imperiais, o colapso da identidade nacional, a ameaça de forças impessoais e desumanizantes e a perda de autonomia dos sujeitos diante de estruturas cada vez mais abstratas de poder. O Conde Drácula não é apenas um invasor estrangeiro, nem apenas um símbolo do capital especulativo; ele é, sobretudo, um agente de reorganização social, que opera por dentro das lógicas jurídicas e econômicas do mundo moderno. Nesse sentido, o romance se posiciona menos como uma narrativa moralizante e mais como um documento ambíguo da transição entre regimes históricos: do feudalismo para o capitalismo, da terra para o crédito, da identidade orgânica para a personalidade corporativa. Ao permitir tantas camadas de leitura, *Drácula* (1897) permanece como uma narrativa-chave para pensar os efeitos materiais e simbólicos da modernidade e suas patologias.

### Considerações finais

As análises desenvolvidas neste artigo demonstram que o romance gótico, longe de ser uma ficção de escapismo ou fantasia, constitui uma arena simbólica privilegiada para dramatizar as transformações econômicas e sociais da modernidade. Ao entrelaçar elementos sobrenaturais com questões materiais como propriedade, dívida, trabalho e especulação financeira, obras como *Frankenstein* (1818), *O morro dos ventos uivantes* (1847), *O médico e o monstro* (1886) e *Drácula* (1897), evidenciam tensões culturais engendradas pela ascensão do capitalismo industrial e pela reorganização das estruturas socioeconômicas que o acompanharam. A figura do vampiro, em particular, com sua capacidade de atravessar fronteiras e subverter ordens estabelecidas, assume o papel de um operador narrativo que condensa os medos e ambivalências de uma época marcada por deslocamentos territoriais, econômicos e subjetivos.

Se o vampiro funciona como metáfora para o capital na sua forma mais predatória e abstrata, ele também se impõe como sintoma de uma economia política da literatura, na qual os afetos, os corpos e os signos são inseridos em circuitos de valor. O fato de o Conde Drácula comprar propriedades, movimentar contratos, executar transações e, principalmente, agir por dentro das instituições jurídicas revela que sua ameaça não se dá fora do sistema, e sim a partir dele – de forma interna e imanente. Nesse sentido, o romance não apenas tematiza o impacto do capital sobre a vida social,



mas esboça uma crítica aos limites da racionalidade iluminista, ao desafiar a crença nas chamadas instituições liberais e suas promessas de ordem e progresso. Ao expor o modo como o capital se infiltra nos vínculos humanos, a literatura gótica escancara o trauma da mercantilização das relações sociais e a inquietação causada pela impessoalidade dos sistemas que governam a vida moderna.

Além disso, vale destacar que o cruzamento entre Literatura e Economia proposto aqui não deve ser entendido como um exercício de aplicação unívoca, ou seja, nem da teoria econômica à análise literária, nem da literatura à ilustração de fenômenos históricos. Ao contrário, o que se delineia é um campo de reciprocidade: A Literatura fornece à Economia categorias imaginativas e simbólicas; e, ao apropriá-las, a Economia devolve à Literatura um novo conjunto de tensões, metáforas e impasses a serem elaborados ficcionalmente. Ainda que o foco desta análise tenha sido a Grã-Bretanha dos séculos XVIII e XIX, essa simbiose discursiva ultrapassa recortes geográficos e cronológicos, continuando a moldar até hoje, as formas com que representamos valor, escassez, riqueza, trabalho e desejo.

Portanto, retomar a tradição gótica sob a chave da crítica econômica não é apenas um gesto hermenêutico, de interpretação de sentidos explícitos e implícitos; mas uma forma de reposicionar o papel da Literatura como forma de conhecimento cultural e de instância crítica sobre o mundo. Ao articular imagens de ruína, medo e excesso com estruturas materiais de produção e circulação de capital, o gótico nos convida a pensar os espectros do passado como figuras persistentes do presente, manifestações fantasmagóricas de um mundo que ainda opera segundo as lógicas de exploração, acumulação e desigualdade. Estudar essas interseções, como se propõe aqui, é também afirmar a centralidade da imaginação literária na compreensão das forças históricas que moldam a vida social.

## Referências

ANDRIOPOULOS, Stefan. The Invisible Hand: Supernatural Agency in Political Economy and the Gothic Novel. *ELH*, v. 66, n. 3, p. 739-758. 1999.

ARATA, Stephen. The Occidental Tourist: Dracula and the anxiety of reverse colonization. *Victorian Studies*, v. 33, n. 4, p. 621-645, 1990.

AUERBARCH, Nina. **Our Vampires, Ourselves**. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021 [1848].



BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França** [1790]. Trad. Renato de Assumpção Faria, Denis Fontes de Souza Pinto e Carmen Lidia Richter Ribeiro Moura. Brasília, DF: Editora UnB, 1982.

DICKENS, Charles. **Um conto de Natal** [1843]. Rio de Janeiro: Antofágica, 2023.

HOUSTON, Gail Turley. **From Dickens to Dracula: Gothic, Economics, and Victorian Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

JAMESON, Fredric. **Marxism and Form: 20th-Century Dialectical Theories of Literature**. New Jersey: Princeton University Press, 1995 [1971].

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Capital: crítica da economia política** [1848]. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORETTI, Franco. "The Dialectic of Fear." **New Left Review**, 136, 1982, pp. 67-85.

PAINE, Thomas. **Rights of Man** [1791]. New York: Dover Publications, 1999.

POLIDORI, John William. **The Vampyre** [1819]. London: Createspace Independent Publishing Platform, 2011.

PUGLIA, Daniel. **Charles Dickens: um escritor no centro do capitalismo**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

SÁ, Daniel Serravalle de. **Drácula: um palimpsesto vampírico (posfácio)**. In: STOKER, Bram. **Drácula**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2020. p. 543-554.

SENF, Carol. **The Vampire in Nineteenth-Century English Literature**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1988.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein** [1818]. Oxford: Penguin, 2003.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações** [1776]. Tradutor Norberto de Paula Lima, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2023.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro** [1886]. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

STOKER, Bram. **Drácula** [1897]. Rio de Janeiro: Antofágica, 2020.

SUTHERLAND, Kathryn. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

WALPOLE, Horace. **O castelo de Otranto** [1764]. Trad. Manuel João Gomes. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

